



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH - CAMPUS VI
LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

ELVIRA OLIVEIRA BISPO

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA DE CORDEL

**CAETITÉ-BA
2023**

ELVIRA OLIVEIRA BISPO

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA DE CORDEL

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para conclusão do Curso.

Orientador: Prof^o. Ms. Rogério Soares Brito.

CAETITÉ-BA

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, é ele e tem sido ele que torna possível todos os meus passos, a minha família em especial as minhas irmãs, que direta e indiretamente sempre me amparou e acolheu durante esse percurso, a minha mãe(Maria) que é com certeza o maior exemplo de “vencer”, mas sobretudo, de como construir as vitórias , agradeço também aos meus amigos da faculdade, sobretudo a minha duplinha Rubi (Rubislane) e Fa(Fátima) por cada sorriso nas horas alegres e pelo companheirismo nos dias difíceis, ao meu amor que tem sido um amigo, por sempre está aqui e por não soltar a minha mão, agradeço aos professores que compreenderam de fato o seu papel e o fizeram com maestria, em especial ao meu orientador, Mestre Rogério Soares, por cada palavra de incentivo e aprendizado proporcionado, por não permitir que as preciosidades fruto da cultura do povo permaneçam no anonimato e por estar sempre resgatando o que nossa cultura tem de mais genuíno. Ao professor Mestre Victor Pereira por ter aceito estar presente em um momento tão importante, pelos sorrisos arrancados, pelo incentivo e pelos muitos momentos de trocas. Agradeço a Professora Doutora Luciete Bastos por ter aceito fazer parte da minha banca e por contribuir com o meu processo de formação. Tenho certeza que as contribuições de vocês serão fundamentais para meu crescimento acadêmico e pessoal. Por fim agradeço a menina que mora dentro de mim por nunca se permitir desistir.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. CULTURA POPULAR,UMA ÁRVORE DE MUITOS GALHOS	12
2.1. Literatura de cordel.....	14
3. MULHER E CORDEL DAS TRINCHEIRAS DO PATRIARCADO AS PÁGINAS DOS CORDÉIS.....	19
3 1 Maria das Neves Batista Pimentel.....	23
4. REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA DE CORDEL; MULHER EM TEMPOS DE CRISE X CORDEL DE SAIA.....	27
4. 1 Sobre os autores.....	27
4. 2 Mulher em tempos de crise X Cordel de saia: uma análise.....	29
5. Considerações finais	37
6. Referências Bibliográficas	40

RESUMO

Este trabalho tem como foco a presença das mulheres na literatura de cordel, e busca realizar uma análise comparativa entre folhetos de cordéis escritos por homens e outros escritos por mulheres, para ser mais específica, faremos uma leitura analítica dos cordéis: “Mulher em tempo de crise, escrito pelo cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros, e “Todas as mulheres” de Dalinha Catunda. Para o desenvolvimento desse estudo, nos embasamos em textos de escritores como: Burke (1990) Aurélio (2010), Abreu (1999), Chartiêr (1990), Beauvoir (1970) dentre outros autores que fomentam e nos ajuda a melhor tratar sobre os temas. Este trabalho foi dividido em três capítulos, no primeiro explanamos um pouco sobre o que vem a ser “Cultura popular: Quais fazeres literários a compõem(dando enfoque para um desses fazeres que será campo para nossa pesquisa, a literatura de cordel), quem a constroem e quais suas principais características; No segundo explanamos um pouco sobre a história das mulheres na literatura de cordel e como elas despontam no mundo das rimas com perspicácia e inteligência, mostrando sua força e anseios nesse meio completamente dominado pelo patriarcado, como elas mudaram o enredo dos folhetos e passaram a se auto representar; No terceiro e último capítulo, foi feita uma análise comparativa entre folhetos de cordéis escritos por homens e outros escritos por mulheres, para ser mais específica, farei uma leitura analítica dos cordéis: “Mulher em tempo de crise, escrito pelo cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros, e “Cordel de saia” de Dalinha Catunda uma poeta contemporânea, a fim de compreender qual o papel de representação ocupado pelas mulheres em cada um deles.

Palavras-chave: Cordel, Mulher, Cultura popular, Representação.

ABSTRACT

This work focuses on the presence of women in cordel literature, and seeks to carry out a comparative analysis between cordel booklets written by men and others written by women. Crisis, written by Cordelist from Paraíba Leandro Gomes de Barros, and “Cordel de Saia” by Dalinha Catunda. For the development of this study, we based ourselves on texts by writers such as: Burke(1990) Aurélio (2010), Abreu (1999), Chartiêr (1990), Beavoir (1970) among other authors who foment and help us to better deal with the themes. This work was divided into three chapters, in the first we explain a little about what comes to be "Popular culture: What literary practices compose it (focusing on one of these activities that will be the field for our research, cordel literature), who build and what are their main characteristics; In the second, we explain a little about the history of women in cordel literature and how they emerge in the world of rhymes with insight and intelligence, showing their strength and desires in this environment completely dominated by patriarchy, how they changed the plot of the leaflets and started to become self represent; In the third and last chapter, a comparative analysis was made between cordel booklets written by men and others written by women. Barros, and “Cordel de Saia” by Dalinha Catunda, a contemporary poet, in order to understand the role of representation occupied by women in each of them.

Keywords: Cordel, Woman, Popular culture, Representation.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de TCC Toma como objeto de estudo o lugar de representação da mulher dentro da Literatura de cordel. Buscando compreender quando e como elas emergem nesse gênero, como autoras, e de que modo a figura feminina é retratada nos cordéis escritos por homens e nos escritos por mulheres.

Desde que entrei na universidade, no ano de 2018, eu sempre imaginei que a cultura popular seria lugar de inspiração para a minha pesquisa de final do curso. Assim, ela vem me acompanhando ao longo de todos os semestres e, para ser sincera, eu nunca me entendi gente fora dela, meu apreço se deve principalmente pela minha criação. Era nítido nos olhos do meu pai que a viola caipira representava muito mais que um simples instrumento; ela falava sobre nós e sobre qual era o nosso espaço nessa sociedade que nos tinha e nos via como retrógrados. Aos olhos daquela menina que cresceu sabendo quem era, hoje surge a necessidade de mostrar isso também aos outros, por meio de um trabalho acadêmico.

Sobre a literatura de cordel, gênero literário que será seio da minha pesquisa, Haurélio (2010) nos mostra que, ela é herdeira do romanceiro tradicional, e, em linhas gerais da cultura popular (em especial dos contos populares). Desenvolveu-se no Nordeste, no final do século XIX, e se espalhou por todo o Brasil pelas muitas diásporas sertanejas. É formada por métricas e rimas e caracterizada pela oralidade.

Quanto à escolha desta literatura, justifico que a vejo como uma das mais belas expressões literárias e que desempenha muitos papéis. Ela provoca o riso, tece críticas, denuncia os mais diversos tipos de atrocidades políticas e sociais, mas ao mesmo tempo percebo que as universidades e os meios acadêmicos deslegitimam de certa forma esse meio de propagação. No curso de Letras do Campus VI, por exemplo, não há uma disciplina que volte o seu olhar especificamente para essa vertente, e quando tem é algo pequeno se comparado às demais¹.

Desde sempre me encantei pela ludicidade das histórias rimadas e nutri um apreço muito especial pela simplicidade e riqueza do texto de cordel. Hoje, sempre que posso, arrisco-me a escrever alguns versos aqui e acolá, mas há algum tempo venho me atentando para questões mais profundas nesse contexto, pois, nunca

¹ Na Universidade Estadual da Bahia, Campis VI, por exemplo, tem apenas uma disciplina voltada para essa temática, Estudos dos contos populares, além de ser a única, é ainda a disciplina com menor carga horária da nossa grade curricular.

sequer no nosso curso fui algum dia apresentada a alguma escritora de Literatura de cordel. E foi isso que norteou essa pesquisa de TCC: Quem são as mulheres que escrevem cordel? Elas existem? E as que existem, como retratam a figura feminina? É diferente da perspectiva dos autores homens? Diante dessas inquietações, tomamos a representação feminina na literatura de cordel como objeto de estudo dessa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso.

Para tanto, pretende-se realizar uma análise entre folhetos de cordéis escritos por homens e outros escritos por mulheres, para ser mais específica, faremos uma leitura analítica dos cordéis: “Mulher em tempo de crise, escrito pelo cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros, e “Cordel de saia” de Dalinha Catunda.

Entendemos que este estudo pode incentivar novas mulheres a também tomarem gosto pela escrita da literatura de cordel, bem como por assumir o seu papel dentro dela, não se permitindo ficar escondidas ou camufladas pela figura masculina, quebrando assim barreiras e se colocando como protagonistas de suas próprias histórias.

Toda a pesquisa se deu a partir do método bibliográfico que é realizado através da análise de materiais que já foram publicados. Esse tipo de pesquisa colabora para que o investigador tenha uma visão mais ampla do que é dito acerca da temática. Marconi e Lakatos (2003, p. 183) afirma que, “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Este trabalho foi dividido em três capítulos que buscou responder as inquietações aqui apresentadas. No primeiro explanamos um pouco sobre o que vem a ser “Cultura popular: Quais fazeres literários a compõem, quem a constroem e quais suas principais características.

Burke (1978) foi o autor utilizado para embasar a discussão apresentada, tratamos ainda neste capítulo sobre um dos galhos dessa “árvore” chamada Cultura popular, a Literatura de Cordel, embasados nos estudos de Haurélio (2010) e Abreu (1999).

No segundo capítulo, explanamos um pouco sobre a história das mulheres na literatura de cordel, como elas despontam no mundo das rimas, com perspicácia e inteligência, mostrando sua força e anseios nesse meio completamente dominado

pelo patriarcado, como elas mudaram o enredo dos folhetos e passaram a se auto representar. Para tratarmos sobre a trajetória das mulheres na literatura de cordel contamos com os estudos de Beavouir(1970), Perrot (2005),Grillo (2007) , Queiroz(2006) e Mendonça(.

No terceiro e último capítulo, foi feita uma análise entre folhetos de cordéis escritos por homens e outros escritos por mulheres, para ser mais específica, farei uma leitura analítica dos cordéis: “Mulher em tempo de crise, escrito pelo cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros, e “Cordel de saia” de Dalinha Catunda, uma poeta contemporânea, a fim de compreender qual o papel de representação ocupado pelas mulheres em cada um deles, para discutirmos e formarmos opiniões sobre essa representação, nos embasamos nos estudos de Roger Chartier. (1990)

2. CULTURA POPULAR UMA ÁRVORE DE MUITOS GALHOS

Assim como os contos populares, o repente, as cantigas de rodas e tantas outras manifestações artísticas, o cordel tem como seio a cultura popular, que é como uma grande árvore com muitos galhos e cercada de muitas definições. No presente capítulo trataremos um pouco sobre as designações desse termo que tantas vezes é utilizado sem nos apropriarmos de fato sobre suas entranhas, faremos um apanhado de como definem essa cultura.

Por que nós iniciaremos nosso trabalho buscando uma definição de cultura popular? A resposta a essa questão, está na razão de ser da cultura popular, ou melhor dizendo, num dos fatos de ser da cultura popular, a saber a sua feição tradicional.

Um traço característico da cultura popular, é a sua relação com a tradição. O que é tradição? Luís da Câmara Cascudo em “Literatura Oral do Brasil, diz que a tradição pode ser entendida como “entregar, transmitir, passar adiante, em um processo de divulgação do conhecimento popular ágrafo” (CASCUDO, 1978, p. 27).

Em outras palavras podemos traduzir o que Cascudo nos mostra com uma expressão muito conhecida do nosso cotidiano o famoso “de pai para filho”, era assim que o conhecimento era transmitido por pessoas que muitas vezes não tiveram acesso a escrita, mas que eram portadoras de uma sabedoria inenarrável. Assim, as histórias, ladainhas, cantigas, rimas... iam sendo contadas e recontadas de uma geração a outra até se perpetuarem no imaginário popular.

É aí que entra uma característica que é própria da tradição, a oralidade. Mas, o que é a oralidade e o que tem ela a contribuir com o nosso estudo? Câmara Cascudo, ao tratar sobre o conceito de literatura oral em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, afirma que ela reúne gêneros da oralidade, tais como: contos, lendas, mitos, adivinhas, provérbios, parlendas, frases-feitas, cantos, orações, transmitidos e conservados oralmente, mesmo que posteriormente registrados e conservados através da escrita. “Sua característica é a persistência pela oralidade” (CASCUDO, 1984, p. 23).

Assim entende-se que a oralidade é a maior forma de propagação das literaturas populares, mesmo as que são depois escritas, como é o caso da literatura de cordel.

É comum encontrarmos pessoas que nunca frequentaram a escola e nunca tiveram contato com a linguagem escrita que conserve um acervo gigantesco de contos, poesias, ladainhas e de muitas outras expressões. Isso porque aprendem através das tradições de ouvir e repassar através da oralidade. Por isso essas duas características, tanto a tradição, quanto a oralidade são características fundamentais para o desenrolar da nossa pesquisa.

Tendo falado sobre traços característicos da cultura popular, vamos agora entender como ela é definida por estudiosos e qual lugar ocupa em nossa sociedade.

O historiador inglês Peter Burke em seu livro “Cultura popular na idade moderna”, diz que: “Quanto a cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la como uma cultura não oficial, a cultura da não elite, das “classes subalternas”.(BURKE, 1978, p.10)

Levando em consideração esse pensamento do autor percebemos a cultura popular como vista de forma negativa por ser composta por uma série de manifestações que não se encaixam nos padrões criados e exigidos pelas classes dominantes.

Em seu livro, Burke vem especificar quem são os propagadores da cultura popular, os artesãos, camponeses, mulheres, crianças, pastores, analfabetos e todos aqueles desprovidos de estudo ou títulos. Porém é necessário frisarmos nesse apontamento do autor a utilização do termo: “de início”, pois, o próprio Burke ao longo do seu texto nos norteia para uma noção muito mais ampla de Cultura popular, compreendendo que, defini-la apenas como uma cultura não oficial é como fechar os olhos para outras vertentes por ela atingidas, é o caso por exemplo da cultura de elite ou cultura erudita, que recebe ao decorrer dos anos forte influências da cultura das classes consideradas subalternas. Burke faz então muitos giros em torno dessas culturas, primeiro classificando-as como cultura de baixo e cultura de cima, depois igualando-as e as atribuindo a mesma importância. O autor chega a nos dizer então que não se pode dizer que há apenas uma cultura popular e sim culturas populares que permeiam desde os simples folhetos de cordéis aos textos utilizado pelas religiões e líderes letrados para catequisar os fiéis, e ambas as vertentes estão interligadas não sendo possível separá-las, “culturas populares ou muitas variedades de cultura popular – é difícil optar entre as duas formulações porque uma cultura é um sistema

de limites indistintos, de modo que é impossível dizer onde termina uma e começa outra” (BURKE, 1978, p.56).

Assim, podemos observar pela abordagem do autor supracitado que a cultura popular possui muitas faces e que é incorreto classifica-la, pois é diversa e mutável.

2.1 O cordel

Tendo trilhado por caminhos que nos leva a compreender um pouco do que se entende por cultura popular, nos enveredaremos agora por uma de suas mais belas e potentes manifestações artísticas, a literatura de cordel, que servirá como instrumento de estudo e análise da nossa pesquisa. O termo “cordel” surge em Portugal e tem sua origem atribuída ao fato dos folhetos serem dependurados em cordas, o poeta Antônio Vieira (2005) ilustra em seus versos essa característica da literatura,

“As trovas e poesias
Cantadas por menestrel
Depois que foram impressas
Em versos e no papel
Eram vendidas nas feiras
Pendurados, em fieiras
Em cordão ou em cordel”

Ao falar sobre a origem dessa literatura a pesquisadora portuguesa diz que: “A origem de nossa Literatura de Cordel remonta à Idade Média, ligando-se à poesia trovadoresca portuguesa”. (Queiroz,2006,p.20)

Ainda sobre essa origem escritor cordelista Marco Haurélio em seu livro intitulado Breve história da literatura de cordel nos apresenta um rico apanhado do que vem a ser essa literatura e de onde ela surge. Segundo ele, “a Literatura de Cordel, ou seu substrato, chegou ao Brasil, ou à terra que seria assim denominada-abordo das primeiras Caravelas. É próprio do homem, levar consigo, além dos conhecimentos que lhe garantam a sobrevivência, a sua cultura”. (HAURÉLIO,2010 ,p.10).

Como vimos o cordel chega até nós através das caravelas, mas apesar de não ter origem em nosso país é possível afirmar que aqui ele ganhou características genuinamente brasileiras, o fato de beber na fonte das tradições orais como nos contos populares por exemplo é uma delas, os cordéis ou literatura de bancada como ficou conhecida, tinham em suas temáticas forte referência das estórias contadas pelo

povo, e depois transformadas em versos. Como é o caso do cordel “O velhaco o credor e os ladrões, um famoso cordel escrito por Leandro Gomes de Barros que possui sua origem no imaginário popular e depois é transformado um texto de cordel.

O ato de versar as histórias era uma forma de perpetuá-las no imaginário já que, a marcação das rimas facilitava o processo de decoração.

“A literatura de cordel é a poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional, e, em linhas gerais, tributárias da literatura oral, (em especial dos contos populares), desenvolvida no Nordeste e espalhada por todo o Brasil pelas muitas diásporas sertanejas” (HAURÉLIO, 2010, p.12)

Outra característica que é peculiar do cordel brasileiro e é apontada por Márcia Abreu no livro “Histórias de cordéis e folhetos” é a forma como o corpo do texto é constituído, “Diferentemente da literatura de cordel portuguesa, que não possui uniformidade, a literatura de folhetos produzida no Nordeste do Brasil é bastante codificada”. (ABREU,1999. p.73),“possuindo um formato fixo, com sextilha com versos setessilábicos, ou redondilha maior, em esquema de rimas ABCBDB, e em alguns casos, estrofes de sete versos setessilábicos com rimas ABCBDDDB”. (ABREU,1999, p.83).

Nos desafios cada um dispunha de uma e apenas uma estrofe para responder às perguntas e provocações do seu oponente tendo ainda que devolvê-las caso não quisesse ficar todo tempo na defensiva.

(ABREU MARCIA, 1999, p.85).

Bráulio Tavares nos mostra com mais clareza como se dá essa característica no livro “Contando história em versos”, segundo ele, “ a sextilha é uma estrofe com seis versos de sete sílabas, em que o segundo, o quarto e o sexto verso rimam entre si; os demais não precisam rimar com nada, são versos brancos”. (TAVARES,2009, P.127). O autor ilustra como se daria essa estrutura no texto,

Eu achei muito engraçado A
o padre Matusalém: B
quando distribui a hóstia C
é pra dez, cinquenta ou cem; B
mas quando bebe o vinho sozinho, D
não dá um gole a ninguém! B

Durante muito tempo o cordel assumiu uma função muito importante em nossa sociedade, a de informar, retratando diversos fatos históricos, como: A guerra de Canudos, as aventuras do cangaço e eventos religiosos como afirma o pesquisador Tiago Paulino em sua dissertação intitulada “Cordel informativo: Tecendo a trama entre cultura popular e cultura midiática”. “Durante muito tempo e, mais especificamente no final do século XIX, os poetas tornaram os folhetos a mais ativa forma de veículos de informação, suprimindo a falta de publicações tais como romances e jornais no interior nordestino” (SILVA,2007, p.29) .Um exemplo muito claro do que escreve Silva, é o cordel escrito pelo poeta Norte Rio-grandense Antônio Francisco (2005), intitulado: “O ataque de Mossoró ao bando de Lampião”, que narra uma história real de quando a cidade de Mossoró resistiu e expulsou da cidade o bando liderado pelo tão temido cangaceiro Lampião, como é ilustrado no trecho abaixo;

“Quando saíram do mato
O bando foi assaltado.
Deram um tabefe em colchete,
Lampião foi empurrado.
Cacheado apanhou tanto,
Que ficou sem cacheado.

Passaram por Carnaúbas,
No outro dia bem cedo.
Disfarçado de peões,
Todos tremendo de medo,
Que por trás de alguma “rocha”,
Alguém apertasse o dedo”. (FRANCISCO,2005, p.85)

Além de informar a literatura de cordel pode também provocar o riso, como podemos comprovar em um dos mais conhecidos cordéis da literatura popular brasileira, “ O cavalo que defecava dinheiro, escrito pelo Paraibano Leandro Gomes de Barros, que utiliza de situações cômicas em que os personagens são sujeitos para divertir o leitor,

“Quando ele chegou em casa
Foi gritando no terreiro:
-Eu sou o homem mais rico
Que habita o mundo inteiro
Porque possuo um cavalo
Que só defeca dinheiro! ”(BARROS,1865)

Pode ainda tecer críticas sociais, seja de cunho político, religioso ou apresentar alguma moralidade, um exemplo desse tipo de cordel é “As misérias da época” escrito por Leandro Gomes de Barros, onde o autor faz uma crítica a sociedade em que vive, valendo se das rimas:

“Se eu soubesse que esse mundo
Estava tão corrompido
Eu tinha feito uma greve
Porém não tinha nascido
Minha mãe não me dizia
A queda da monarquia
Eu nasci, fui enganado
Pra viver neste mundo
Magro, trapilho, corcunda,
Além de tudo selado”

A literatura de cordel é, muitas vezes, confundida com o repente, mas é indubitável lembrar que Cordel e Repente não são a mesma coisa, Haurélio (2010, p.18) diz que:

O cordel é um dos galhos da poesia popular como o Repente também o é, mas repente e cordel não são a mesma coisa, pois, à medida que a árvore cresce, os galhos se distanciam conquanto estejam unidos pela origem comum.

Reforçando o pensamento do autor é válido darmos atenção a algumas características que diferenciam o cordel do repente, enquanto o primeiro exige uma produção antecipada e escrita em livretos para só depois ser consumida, o segundo surge do improvisado e se dá principalmente através de batalhas, além disso, as apresentações de repente geralmente são acompanhadas por algum instrumento musical.

Assim como acontece com o repente, é muito comum lermos textos nos quais são atribuídos o título de “cordel” a textos que compõem a chamada poesia matuta, mas Haurélio (2010) chama atenção para a importância de sabermos diferenciar essas duas literaturas. Muito embora elas estejam ligadas pela mesma raiz que é a cultura popular, ocupam galhos diferentes e possuem características que as distanciam, dentre elas uma que precisa ser levada em consideração é, o fato de que alguns escritores da Poesia matuta deformam de maneira proposital o idioma, para

tentar imitar uma linguagem “caipira”, os autores de cordéis ao contrário, estão sempre buscando aperfeiçoar sua escrita.

3. Mulher e cordel, das trincheiras do patriarcado as páginas dos folhetos.

Este capítulo será dedicado a entender qual o papel ocupado pelas mulheres ao longo dos anos dentro da literatura de cordel.

Como vimos no capítulo anterior a Literatura de cordel tem sua origem atribuída a cultura popular. É nessa fonte que a maioria dos autores de cordéis bebem para se inspirar e criar o enredo de suas histórias, mas apesar de ter seus pilares formados por uma classe considerada subalterna, a chamada cultura popular é também reduto de muito preconceito, podemos dizer então que se há uma hierarquização dentro da sua construção.

Podemos evidenciar esse fato por exemplo na Literatura de cordel, onde há um elevado número de autores do sexo masculino, enquanto as mulheres são minoria absoluta, outro fator na escrita de cordéis que retrata esse preconceito é o conteúdo dos folhetos escritos por homens. A pesquisadora Doralice de Queiroz ilustra isso em sua dissertação “MULHERES CORDELISTAS, Percepções do universo feminino na literatura de cordel”

Durante a grande efervescência do cordel nordestino, a mulher, como autora, ainda não tinha obtido espaço de visibilidade pública, diferentemente do homem que, com mais liberdade de ação, percorria os sertões em viagens, participando de feiras, cantorias, eventos artísticos, celebrações religiosas, enfim, ia para onde houvesse algum acontecimento popular. Isto fez com que, de fato, esta narrativa fosse caracterizada no Nordeste, como uma literatura tipicamente de homens. (QUEIROZ, 2006, p. 15).

É sabido que as mulheres são guardiãs de um vasto arquivo de conhecimento da tradição oral, como nos ilustra a cordelista Maria de Fátima Coutinho (2005) no cordel “De mulher e Cordel muito se tem a dizer”:

Desde tempos bem longínquos
Diz Zumthor pesquisador
Que as mulheres faziam
Percurso de cantador
Levando de um canto a outro
Notícias de grande valor

Mas apesar disso, o que se nota é uma ausência muito grande de folhetos com autoria feminina em nosso acervo da literatura popular, revelando fortes traços do

patriarcado que está desde sempre enraizado na nossa sociedade. Isso nos faz voltar a um aspecto que tratamos no primeiro capítulo deste estudo, a tradição. Você leitor deve estar se perguntando: o que tem o patriarcado a ver com a tradição? Como vimos em Cascudo (1978) é característico da tradição passar adiante os costumes de determinado grupo fazendo com que esses sobrevivam por muito tempo. Com a história das mulheres não foi diferente, elas foram tradicionalmente condicionadas a um lugar subalterno e esse pensamento é repedido e conservado entre as gerações. Beauvoir diz que:

“Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilegio; alienaram parcialmente sua existência na natureza e na mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe o seu destino”. (BEAUVOIR, 1970, p. 97-98).

Como fica perceptível na linha de pensamento adotada pela autora, as mulheres carregam desde sempre o estereótipo de sexo frágil que não pode responder por si mesma e viveram durante muito tempo como uma sombra da figura masculina, essa figura era em sua maioria o pai antes do casamento e depois do matrimônio passava a ser representada pelo esposo, assim elas eram educadas para serem do lar, cuidar dos filhos, costurar, mas nunca para exercerem uma tarefa que abrangesse outros espaços como o de historiadoras, empresarias, tão pouco escritoras.

Virginia Woolf no livro um teto todo seu diz que,

"Não é preciso ter grandes habilidades em psicologia para afirmar que qualquer garota muito talentosa que tenha tentado usar seu dom para a poesia teria sido tão impedida e inibida por outras pessoas, tão torturada e feita em pedaços por seus próprios instintos contrários, que deve ter perdido a saúde e a sanidade, com certeza"(Woolf ,1991)

Segundo essa linha de pensamento entendemos que as mulheres que tentassem escrever seriam impedidas pela sociedade. Esse impedimento nem sempre era o impedimento de produzir o texto, mas muitas vezes era o fato de descredenciar, de não comprarem os livros, de duvidarem do potencial dessa mulher enquanto escritora e produtora de conteúdo.

Esse lugar atribuído às mulheres também é ilustrado pela professora Maria Ângela de Farias Grilo no artigo *Evas ou Marias? As mulheres na Literatura de cordel: preconceitos e estereótipos*

Até o início do século XX, o espaço da informação, do saber e, por extensão, do poder era de âmbito exclusivamente masculino; as mulheres, tolhidas em seus movimentos, controladas em suas iniciativas, pensamentos e leituras, deveriam dedicar-se somente à esfera doméstica. (GRILLO, 2007, p. 127).

Essa maneira como a sociedade tradicionalmente via a figura feminina, refletiu também na literatura de cordel, fazendo com que as mulheres raramente tivessem registros com sua assinatura nas páginas dos folhetos, e quando o tinham o seu conteúdo era sempre voltado para questões do seio familiar, o que era muito típico nos primórdios da literatura de forma geral como escreveu a historiadora Michelle Perrot no livro *“As mulheres ou os silêncios da História”*

Assim os modos de registros das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo acontece com seu modo de rememoração, da encenação propriamente dita do teatro da memória. Por força das coisas, ao menos para as mulheres de outrora e para o que resta do passado das mulheres de hoje (e que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e para o íntimo, aos quais elas estão de certa forma relegadas por convenção e posição (PERROT, 2005, p.39)

Muitos escritores de cordéis também apresentavam em seus versos uma objetificação da figura da mulher perfeita, colocando em destaque sua beleza física e a descrição.

Entretanto, ao tempo que a maioria das mulheres permanecem nesse lugar de subalternidade de obediência aos padrões que é imposto por uma sociedade machista como vimos no cordel a cima, há também as que não aceitam esse tipo de situação e começam a buscar novas perspectivas e novos modos de vida. Essas mulheres obviamente não são bem vistas aos olhos dos conservadores que prezam pelo domínio e exercício do poder masculino. Nos cordéis as que ousam desafiar a moral dos bons costumes também são retratadas por autores homens, só que de uma forma

negativa. Neles elas são vistas como raivosas, mal-educadas, loucas e nunca como um papel de empoderamento.

Mas e as mulheres, produzem cordel? Confesso que essa pergunta durante muito tempo fez morada em nossas mentes. Nos meios acadêmicos por exemplo não é comum sermos apresentados as poetisas populares, mas ao contrário do que parece essas mulheres existem há muito tempo e escrevem sobre os mais variados assuntos. Isso nos norteia para novos questionamentos, quem são essas mulheres e por que raramente lemos sobre elas? Parte da resposta para essas perguntas está nos parágrafos anteriores onde esclarecemos que devido a condição de sociedade patriarcal em que éramos inseridos, a escrita feminina não era bem vista, principalmente se o assunto dos escritos tivesse cunho sarcástico ou crítico, o que levava algumas mulheres a buscarem novas soluções para que seus textos pudessem serem publicados e lidos. Esse adendo nos leva agora a falar sobre a primeira mulher de que se tem informações a publicar um texto de cordel.

3.1 Maria das Neves Batista Pimentel

Filha de Francisco das Chagas Batista, e esposa de Altino Pimentel, nascida no ano de 1913 tinha em seu seio familiar algo que lhe facilitaria o gosto pelo cordel, seu pai era dono de uma vasta livraria, além de ser um famoso escritor de cordel.

No ano de 1938 Pimentel publica o primeiro cordel de que se tem notícia com autoria feminina publicado em nosso país “O violino do diabo ou o valor da honestidade”, porém, a escritora publicou o cordel assinado por um pseudônimo de Altino Alagoano, o primeiro nome refere-se ao nome do seu marido e o segundo segue uma tradição dos cordelistas nordestinos de homenagear o seu estado de origem, Pimentel nasceu no estado de Alagoas.

Figura – 1 Capa do cordel O violino do diabo, ou o valor da honestidade



Fonte: <https://cdn.nexojornal.com.br/content/escenic/esp/80921.html>

A escritora Maristela Barbosa de Mendonça entrevistou a pioneira, e o resultado desse diálogo está registrado no livro, “uma voz feminina no mundo do folheto”, nesse depoimento a autora explica os motivos pelos quais decidiu pelo uso do pseudônimo:

“Todos os folhetos que foram vendidos na Livraria de meu pai ou que foram impressos, tinham nome de homem, eram homens que faziam, não existia naquele tempo, folheto feito por mulher, e eu, para que não fosse a única, né? meu nome aparecesse no folheto, não fosse eu a única, então eu disse: – Eu não vou botar meu nome.
Aí meu marido disse:
– Coloque Altino Alagoano. ”

É perceptível que o uso de um pseudônimo foi a maneira encontrada por Pimentel para que pudessem superar as barreiras e preconceitos da época, mas foi também uma forma que a escritora encontra para tornar o folheto vendável, visto que a escrita feminina na época era muito descredenciada.

É bem provável que haja por aí outros cordéis escritos por mulheres e assinados com nomes Masculinos, essa era uma solução muito comum em épocas anteriores inclusive em outros campos da literatura, como nos romances por exemplo, um desses muito conhecido está em um clássico da literatura, “Frankenstein”, você caro leitor já deve estar acostumado a ler nas capas estampado o nome da autora Mary Shelley, mas a verdade é que nem sempre foi assim, a obra que é sucesso de vendas foi publicada pela primeira vez no ano de 1818 e tinha sua autoria atribuída

ao noivo da autora, o motivo alegado na época era de que uma mulher, e ainda tão jovem, não tinha capacidade para criar uma história daquele nível. Só a partir da segunda edição do livro é que Shelley é reconhecida. Isso reafirma os preconceitos que as mulheres sofriam em relação aos homens, se levarmos em consideração por exemplo que, Machado de Assis um renomado escritor brasileiro, publicou seu primeiro texto com praticamente a mesma idade.

Agora voltando para o mundo dos folhetos, ou melhor, para o primeiro folheto publicado por uma cordelista. Apesar de ser um marco para a escrita de cordel feminina, a obra não possui sua temática voltada para questões referente a vida das mulheres. Percebemos que nesse cordel a autora se vale de um romance, ou seja, algo que faz parte da cultura erudita, o que nos faz retomar o que Burke nos afirma no primeiro capítulo, que o popular e o erudito se relacionam.

Você sabe que o romance é feito numa literatura alta. O povo não entende, mesmo lendo não entende, não compreende e nem vai perder tempo para ler o romance. Então eu transformei aquela literatura no linguajar do povo, no modo que o povo fala, que o povo entende. (...) eu peguei o miolo. A coisa mais, que me interessa. (...) O romance é o roteiro, agora aqui eu vou transferir toda essa história para o linguajar do povo e versar. (...) Eu não posso me afastar da linha do romance, não! Eu posso criar, ajudar no mesmo sentido. (...) Então aqui neste romance O Violino do Diabo ou o Valor da Honestidade, então, a lição que eu salientei neste romance, foi a honestidade da moça e do velho, entendeu? Que aquele homem fez toda a trapalhada, toda a trapaça para iludir esta moça. (MENDONÇA,2016, p. 119).

“O violino do diabo ou o valor da honestidade” contém quarenta e oito páginas, e a capa possui uma imagem em xilogravura, com a figura do diabo. Em seus versos traz uma releitura do romance O violino do diabo, publicado por Enrique Perez Escrich², e espelha muitas das características citadas por autores homens em suas obras, como por exemplo o fato da mulher ser sempre depreciada, acusada de ser

• ² Enrique Perez Escrich (Valência, 1829 – Madrid 1897)) foi um popular escritor romancista e dramaturgo espanhol. Entre suas principais obras estão: Os que riem e os que choram, O mártir do Gólgota, O martírio de uma esposa, o Violino do Diabo.

falsa dentre outros adjetivos negativos que lhe eram atribuídos, como podemos comprovar nesse verso do cordel,

Rosália para iludir
Possuía habilidade
Na sua alma infame e negra
Reinava a perversidade
Ninguém como ela sabia
Fazer uma falsidade. (ALAGOANO, 1981, p. 10).

É preciso chamarmos atenção para algo que diz muito sobre o que buscamos compreender neste trabalho, o primeiro cordel publicado por uma mulher além de ter sua autoria atribuída a um homem, ainda traz em seus versos conteúdos que refletem os pensamentos dos homens da época. Essa ressalva começa a nos dar luz sobre a representação que buscamos compreender aqui, pois, entendemos que não bastou que uma mulher publicasse um cordel para que as visões sobre elas mudassem, era preciso ainda mudar o pensamento que era expostos nessas folhas.

Depois da publicação de Pimentel houve um grande silêncio das vozes femininas no cordel, não se houve mais publicações registradas das quais tivemos conhecimento. Apenas na década de 70 é que vão começar a surgir novos folhetos assinados por mulheres, isso se deve sobretudo a uma grande reviravolta dos movimentos feministas na luta por direitos de igualdade, através dos quais se abrem caminhos para que as mulheres não apenas escrevam cordéis, mas escrevam sobre si, sobre seus sentimentos, suas angustias e suas visões reais sobre a sociedade.

Outras cordelistas (raras) são possíveis de encontrar em acervos de bibliotecas, como o cordel ou sou ou deixo de ser, publicado em 1977, em Maceió (AL), de autoria de Maria José de Oliveira. Em 1980, Josefa Maria dos Anjos, escreve o folheto de cordel Briga de ponta de rua (Aracaju – SE) . De 1982, encontrei o folheto Lampião – vagalume do sertão, de autoria de Yonne Rabello, que se intitulava “Trovadora Pernambucana”. A autora Maria Arlinda dos Santos publica também em 1982, em Salvador (BA), o folheto intitulado A história de Zé Fubuia. (QUEIROZ, 2006, p. 59).

Como percebemos em Queiroz 2006 o número de mulheres publicando cordéis passa a ser bastante significativo se comparado as décadas anteriores, mas isso ainda é mito pouco frente ao vasto acervo de poesias populares produzidas pela figura masculina. Porém, depois disso é notório que as mulheres assumem muito mais

espaços no mundo dos folhetos, autoras como Maria de Fatima Coutinho, Paola Tôrres, Jarid Arraes são alguns desses nomes que dão voz as mulheres nos cordéis. Dentre essas escritoras está Dalinha Catunda, autora de um dos cordéis que utilizaremos para análise deste trabalho.

4. A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA LITERATURA DE CORDEL: MULHER EM TEMPOS DE CRISE X CORDEL DE SAIA.

4.1 Sobre os autores

Figura 2- Leandro Gomes de Barros



Fonte: <https://blogdoitarcio2.blogspot.com/2018/05/o-mal-e-o-sofrimento-poema-de-leandro.html>

Leandro Gomes de Barros nasceu no município de Pombal no estado da Paraíba em 19 de novembro de 1865, morou em algumas cidades paraibanas até chegar em Recife onde viveu até o fim dos seus dias. Barros faleceu em 4 de março de 1918, nos deixando um patrimônio cultural imensurável. O autor é considerado o maior poeta popular do Brasil de todos os tempos, autor de vários clássicos como, “O sofrimento de Alzira, Juvenal e o Dragão, A força do amor, A donzela Teodora e tantos outros clássicos. Campeão absoluto de vendas, com muitos folhetos que ultrapassam a casa dos milhões de exemplares vendidos. Seus personagens serviram como inspiração para obras de grandes escritores como Ariano Suassuna que sempre deixou claro ter os textos do cordelista como grande inspiração. Mas apesar disso, algumas obras não que são escritas por Leandro não são conhecidas com a sua assinatura, o escritor Marco Haurélio atribui parte desse desconhecimento as

imitações feitas por outra conhecida figura da literatura popular, João Martins de Athayde, que adquire no ano de 1921 o direito a publicação de parte da sua obra, segundo Haurélio (2010),

“ essa iniciativa foi em parte benéfica para o cordel, porque Athyde, a partir do Recife, profissionalizou a distribuição dos folhetos, adquiriu outras obras clássicas e, indiretamente, gerou centenas de empregos, por meio dos muitos revendedores e agentes espalhados por feiras, mercados e pontos estratégicos, como estações de trem e portas de igrejas”

Porém, Athayde não se ocupou apenas de publicar e vender os folhetos, o cordelista faz algo que Haurélio classifica como uma “prática condenável”, o ato de assinar os cordéis de Barros como sendo de sua autoria, só muito tempo depois é que se foi descoberto a verdade por trás da assinatura dos folhetos.

No dia 19 de novembro é comemorado o dia do cordel em homenagem a Barros, que ainda segundo Haurélio, “não é absurdo afirmar ser este autor o “pai da Literatura de cordel brasileira”, já que explorou e deu forma a todos os gêneros e temas, preparando assim, a estrada na qual os vates populares transitam até hoje”. (HAURÉLIO,2010, p.).

Migraremos agora para outro lugar dentro da Literatura de cordel, ao contrário de Leandro Gomes de Barros, que há muito tempo já não está entre nós, a segunda autora escolhida para análise nesse trabalho é uma potência da nossa contemporaneidade. Maria de Lurdes Aragão Catunda, assina poeticamente pelo bonito nome de Dalinha Catunda. Cearense de Ipueiras, desde muito nova ela despertou para o mundo dos versos, impondo-se através das palavras e se reinventando em um campo totalmente dominado por marcos do patriarcado, e por tanto, com predominância de autores do sexo masculino.

Catunda ocupa hoje, a cadeira número 25, da Academia Brasileira de Literatura e Cordel. Ela ainda é membro da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes e sócia benemérita da Academia dos Cordelistas do Crato, além disso, possui inúmeros outros feitos como poetisa em sua longa vida como cordelista

Entre suas principais obras podemos destacar: Fuxico de Mulher, Cordel nos Embalos da Rede, Apologia ao Cordel, O Doutor e a Roceira, Não deixe o Homem Bater nem em Seu Atrevimento. Em suas temáticas, a autora usa de tons sarcásticos,

por vezes mordazes, e brincantes para tocar em feridas que ainda estão muito expostas em nossa sociedade, como é o caso por exemplo do patriarcado já mencionado nos capítulos anteriores e da violência sofrida pelas mulheres.

Figura 3- Dalinha Catunda



Fonte: <https://cordeldesaia.blogspot.com/2020/08/cordel-de-saia-cordel-de-dalinha-catunda.html>.

MULHER EM TEMPOS DE CRISE X CORDEL DE SAIA; ANÁLISE

Segundo Roger Chartier no livro “Entre práticas e representações” o conceito de representação refere se à maneira como as pessoas percebem e interpretam o mundo ao seu redor por meio de diferentes formas de expressão. Essas formas de representação e interpretação do mundo passam, invariavelmente, entre outras coisas, pela cultura e a linguagem.

O autor salienta que a literatura é um campo discursivo já que, está inserida em um contexto social, cultural e político. Como forma de representação, a literatura se vale de símbolos, discursos e narrativas para construir significados, bem como estimular reflexões sobre o mundo e as condições humanas.

A literatura de cordel é uma forma de narrativa carregada de significados que espelham a todo tempo o mundo a nossa volta. Os autores se valem das palavras para fazerem o que Chartier chama de representar.

Tendo em vista o conceito de representação adotado por esse autor, selecionamos duas obras que foram escritas em condições sociais, culturais e

políticas totalmente diferentes, para serem analisadas neste estudo, a fim de compreender como as mulheres são representadas em cada uma delas.

A primeira obra é intitulada “Mulher em tempos de crise” e escrita por Leandro Gomes de Barros. Neste cordel, o autor representa a figura feminina sob a ótica da visão do homem de seu tempo e de seu contexto social. Nele em alguns trechos temos uma visão da mulher como propriedade, ora como um ser astucioso, ora como alguém raivoso, ciumento e com várias características que fazem-na ser vista de uma forma desagradável, vejamos esses trechos do cordel

Mulher é um objeto
Que nasce por excelência,
É o coração do homem
E a flor da existência
Também quem a possuir
Tenha santa paciência

(BARROS apud ATHAYDE, 1951, p. 1)

Vejamos algumas considerações sobre todos esses versos da estrofe:

1. “Mulher é um objeto”: Ao afirmar que a mulher é um objeto, os versos sugerem uma visão desumanizante e redutora. Tal perspectiva trata as mulheres como propriedades ou coisas a serem possuídas, o que vai contra o princípio fundamental da igualdade e dignidade humana.
2. “Que nasce por excelência”: Essa expressão pode ser interpretada de maneiras diferentes. Pode-se entender que a mulher é vista como algo especial e único, reconhecendo sua importância na sociedade. Porém, a palavra ‘nasce’ sugere uma visão determinista, como se o valor e o propósito da mulher estivessem predestinados desde o seu nascimento, o que limita sua liberdade e autonomia.
3. “É o coração do homem”: Essa afirmação reforça uma visão tradicional de gênero, em que a mulher é vista como uma figura emocionalmente central para o homem. Ela pode ser interpretada como uma tentativa de romantizar a relação entre homens e mulheres, mas também pode reforçar estereótipos de que as mulheres existem principalmente para satisfazer as necessidades emocionais dos homens.

4. “E a flor da existência”: Essa metáfora poética pode ser interpretada como uma valorização da mulher, comparando-a a uma flor que traz beleza e alegria à existência. No entanto, é importante lembrar que as mulheres são seres humanos complexos e não devem ser reduzidas a símbolos estéticos. Essa descrição pode, novamente, limitar a visão e o papel das mulheres na sociedade.
5. “Também quem a possuir tenha santa paciência”: Essa frase pode ser interpretada como uma sugestão de que aqueles que se relacionam com mulheres precisam ter paciência, possivelmente indicando que as mulheres são difíceis de lidar ou requerem um cuidado especial. Essa visão perpetua estereótipos de que as mulheres são emocionalmente instáveis ou problemáticas, o que é injusto e não reflete a diversidade e individualidade das mulheres.

Embora os versos apresentados não sejam especificamente um texto histórico, podemos aplicar o conceito de representação de Chartier para analisar como esses versos podem ser interpretados dentro de um contexto cultural e histórico mais amplo.

Em primeiro lugar, é importante reconhecer que os versos refletem uma visão de mundo e uma concepção de gênero que podem ter sido mais prevalentes em tempos passados. Nesse sentido, Chartier (1990) nos lembra que a interpretação de um texto depende do contexto em que ele foi produzido e dos sistemas de significados que estavam em vigor na época. Leandro escreve seus principais cordéis entre o final do século XIX e início do século XX.

Ao analisar os versos com base em Chartier (1990), podemos considerar as possíveis intenções do autor ao escrevê-los, bem como a recepção e interpretação desses versos pelos leitores contemporâneos. É importante, lembra Chartier (1990) que as interpretações podem variar e que diferentes leitores podem atribuir diferentes significados aos versos.

Ao aplicar o conceito de representação de Chartier, podemos questionar a maneira como esses versos representam as mulheres. Podemos investigar como essas representações são construídas e quais ideias e valores estão sendo transmitidos. É possível analisar como as mulheres são posicionadas nessas representações, se são objetificadas, limitadas em seus papéis ou se são dotadas de

autonomia e agência. Pela leitura que fizemos acima, a forma de representação adotada por Barros, sugere uma visão de um lugar de desprestígio e submissão da figura feminina.

Dessa forma, a aplicação do conceito de representação de Roger Chartier nos ajuda a entender que a interpretação de um texto está sujeita a múltiplas perspectivas e que as representações culturais são construídas socialmente. Isso nos permite refletir criticamente sobre os versos apresentados e questionar as visões de gênero neles expressas, considerando a evolução histórica das concepções de gênero e os debates contemporâneos sobre igualdade e empoderamento das mulheres, chegamos a conclusões de que a representação feminina expressa neles, pode ser facilmente interpretada como uma representação deslegitimadora da figura feminina.

Vejamos outros exemplos de versos cordelísticos de Leandro Gomes de Barros.

Muitas coisas nesse mundo
Servem de flagelação
Mulher em tempo de crise
Sarna em tempo de verão
Frieira pelo inverno
Maleita em tempo de são João

Uma guerra em ano seco
Uma mudança obrigada
Viajar sem ter dinheiro
Uma questão enrascada
Morar entre maus vizinhos
Dormir em cama emprestada (BARROS apud ATHAYDE, 1951, p. 2)

Nos versos que acabamos de citar Barros apresenta uma série de coisas ou acontecimentos que servem como flagelação, que é o ato de punir por algo, ou passar por um sacrifício, e vemos que, dentre o que pode ser essa causa, o autor cita a mulher em tempo de crise, dando a entender que quando a mulher está em crise ela é uma espécie de fardo ou punição.

Isso evidencia mais uma vez a mulher representada como algo difícil de ser suportado, ruim. Essa era uma visão muito comum, principalmente quando as mulheres não obedeciam aos homens ou não supriam o que a sociedade esperava dela.

Algumas economizam

Como bem café torrado
Isso é bem entendido
Se for por ela pisado
Mas compre café moído
Veja quanto é estragado

Se for uma mulher pobre
Que não pague lavadeira
Nunca vê-se a roupa dela
Suja de lama ou poeira
Mas se ela pagar a lavagem
Quase nela desgraceira

(BARROS apud ATHAYDE, 1951, p. 3)

Nesses outros dois versos a mulher é representada como preguiçosa. Percebemos que o autor tenta nos passar a visão de que a mulher só dá valor quando tem que se esforçar, isso reflete um outro pensamento típico de uma sociedade machista, o de que a mulher é gastadeira e que só valoriza o que é pago por ela, ou o que ela tem que colocar a mão na massa para fazer.

Por isso é que qualquer homem
Deve morrer casado
Porque deixando a viúva
Vai para o céu descansado
Pois não leva a mulher
Chega no céu sem pecado

São Pedro manda ele entrar
Nem diz-lhe nada sequer
Inda algum santo fazendo-lhe
Alguma pergunta qualquer
Ele diz que pagou tudo
Que teve sogra e mulher

(BARROS apud ATHAYDE, 1925, p. 13)

Ainda nessas passagens do cordel notamos mais uma vez a mulher representada como uma carga na vida do homem, a ponto de quando ele morrer ser absolvido de qualquer pecado, é como se suportar a esposa fosse pagar penitência. Percebemos ainda a figura da sogra e todos os estereótipos negativos que são criados sobre ela, essa figura da sogra com essa mesma representação é muito comum em cordéis de autoria masculina.

Como é perceptível nos versos do cordel analisado a mulher é representada de forma negativa, isso evidencia os pensamentos de uma determinada época e é reflexo

da sociedade na qual o autor Leandro Gomes de Barros estava inserido, uma sociedade com fortes traços do patriarcado, onde a mulher era objetificada e julgada. As obras da época era um espelho dessa realidade e o cordel é a forma de expressão utilizada por Barros e tantos outros autores contemporâneos a ele para expor o que Chartier entende por interpretação do mundo ao redor.

Essa representação da mulher no texto de Barros e de Outros autores homens nos mostra que apenas ser representada por eles não é o suficiente para que as mulheres sejam vistas com respeito e exaltação de sua verdadeira importância, é preciso por tanto que ela trilhe novos caminhos e passe a se auto representar, isso é o que ocorre na segunda obra que analisaremos.

O cordel “Cordel de saia” é escrito por Dalinha Catunda, e traz as mulheres com um olhar de empoderamento, como dona de suas próprias vidas, a autora das suas próprias histórias, trazendo ênfase para as mulheres escritoras der cordel.

Para o seu cordel fazer
A mulher se preparou
Ela se capacitou
Garanto e posso dizer
Fez e faz por merecer
Esse lugar conquistado
Pois já ficou comprovado
Que seu nome é competência
Das regras tomou ciência
Tem currículo aprovado (Catunda, 2020)

Nos trechos acima Catunda retrata a mulher como uma batalhadora, ao contrário do primeiro cordel aqui analisado onde ela era vista como objeto de posse de alguém, nesse já temos uma figura que conquista o seu lugar na sociedade. Note que a autora usa ao invés de termos depreciativos, termos que elevam a mulher.

Os versos apresentados demonstram uma representação diferente e mais atualizada em relação aos versos anteriores. Aqui, a mulher é descrita como alguém que se prepara, se capacita e conquista seu lugar com competência. Essa representação é mais alinhada com os ideais de igualdade de gênero e empoderamento feminino que vigoram atualmente.

Ao aplicar o conceito de representação de Roger Chartier, podemos observar como esses versos refletem uma mudança no contexto cultural e social. Eles retratam uma visão da mulher como sujeito ativo, capaz de adquirir conhecimento, habilidades e competências por mérito próprio.

Essa nova representação desafia estereótipos tradicionais e mostra que as mulheres não são apenas objetos ou dependentes dos homens, mas sim agentes que buscam seu desenvolvimento pessoal e profissional. Essa perspectiva é consistente com as lutas e conquistas das mulheres ao longo do tempo, bem como com a busca por igualdade de oportunidades e reconhecimento de suas habilidades e contribuições.

Portanto, ao interpretar esses versos sob o conceito de representação de Roger Chartier (1990), podemos destacar a importância de considerar a evolução das representações culturais ao longo do tempo e a maneira como elas refletem as transformações sociais. Nesse caso, esses versos representam uma mudança na visão da mulher, que agora é reconhecida como capaz e competente, e que conquista seu lugar por seus próprios méritos.

Nosso cordel de mulher
Nosso cordel feminino
Não é de meia colher
É arte que tem tino
E usa um tempero fino
Para os versos temperar
Assim consegue agradar
Quem gosta do que é bom
Por não ter medo do tom
Da fêmea a versejar (Catunda 2020)

Aqui a autora enfatiza a quebra de um preconceito que é muito comum em nossa sociedade, o de que a mulher não tem capacidade para pensar, e que por isso seus versos são vazios, sem sal. Ao utilizar a metáfora “tempero fino”, Catunda mostra que os conteúdos dos escritos das mulheres são de alta qualidade, mais adiante a autora ainda alfineta os leitores dizendo que os cordéis das mulheres agradam quem gosta de coisa boa, e insinua que quem não percebe isso é porque tem medo do tom que é utilizado por elas, fazendo alusão a esse medo que a sociedade machista tem de admitir que as mulheres tem voz e potência no que dizem, já que isso despotencializa a hegemonia masculina, inclusive no mundo dos folhetos.

Ser cantada ou escrachada
Ou ser musa do poeta
Da mulher não era meta
Eu não estou enganada
Sem se fazer de rogada

Ela então se resolveu
E seu cordel escreveu
Dando fim a tirania
Nasceu cordel de Maria
Cresceu e sobreviveu (Catunda 2020)

Aqui nessa passagem a autora descreve algo que já vimos colocando dentro das nossas discussões ao longo deste estudo, a forma como a mulher era descrita por autores homens, hora sendo humilhada, hora sendo vista com o estereótipo de mulher perfeita, Catunda então escreve que as mulheres não aceitam mais esse lugar de submissão, elas querem escrever suas próprias histórias. Na sequência dos versos podemos acompanhar o percurso da mulher dentro da literatura de cordel, ao dizer “nasceu cordel de Maria” a autora parece se referir a primeira mulher de que se tem registro a publicar um cordel no Brasil, Maria Das Neves Batista Pimentel, e ainda completa, “cresceu e sobreviveu”, esse verso é a própria representação da autora, que vem cada dia mais crescendo no mundo dos folhetos e sobrevivendo aos preconceitos que lhe são impostos.

Após as análises dos dois cordéis é válido salientar que ambos são carregados de representação, emitem a todo tempo mensagens sobre tempos e situações diferentes, confirmando os aspectos citados por Chartier, que os autores utilizam suas obras como campo de discurso, que refletem o meio social em que estão inseridos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A você caro leitor
Peço licença para falar
Sobres essas duas grandes obras
Da cultura popular
E desses dois gênios
Que muito tem a nos ensinar

No primeiro cordel percebemos
Como a mulher era representada
Sem voz, sem lugar
Mal-ouvida e mal falada
Era como um peso para o homem
Uma pedra em sua estrada

As mulheres não aparecem
Como autoras de cordéis
Os homens tomam seus espaços
E definem seus papéis
Elas não têm controle
Nem dos próprios pés

E mesmo quando escreveu
Essa figura foi camuflada

Precisou de pseudônimo
Para não ser desacreditada

Mas os tempos são outros
E as escritas também
No segundo cordel
Trouxemos Catunda
Que não se dobra para ninguém
É ligeira e perspicaz
Escreve e representa também

É através de uma mulher
Que as outras podem ter voz
Mostrando que são muito mais
Do que escreve seu algoz
E dizendo a todas
Que jamais estaremos só

Finalizo este cordel
Respondendo os meus leitores
Que o lugar de representação das mulheres
Perpassou por muitas dores
Mas agora são representadas
Com mais brilho e muitas cores

Que ninguém jamais ouse
A dizer nosso lugar
E que a literatura abra espaço
Para a gente se manifestar
E mostrar a que viemos
E onde queremos chegar!

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. 312 p.
- BURKE, Peter. **Cultura Popular Na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia de Bolso, 1978.
- CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global 2010.
- CATUNDA, Dalinha, **Cordel de saia**, 2020, Disponível em: <URL><https://cordeldesai.blogspot.com/2020/08/cordel-de-saia-cordel-de-dalinha-catunda.html>. Acesso em 20 de junho de 2023.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990
- FARIAS, Marco H. F. **Breve História da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.
- FRANCISCO, Antônio. **Por motivos de versos**. Rio Grande do Norte: Queima Bucha, 2004
- GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos**. In: Revista Esboços. UFSC, v. 14, n.17, 2007, Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-6WEK7J> acesso em 20 de abril de 2023.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.
- MENDONÇA, Maristela Barbosa. **Uma voz feminina no mundo dos folhetos**. Brasília: Thesaurus, 1993.
- MICHELLE, Perrot. **As mulheres ou os silêncios da história**, Edusc, 2005.
- NASCIMENTO, Braulio Tavares. **Contando histórias em verso**, Editora34, 2009.
- PIMENTEL, Maria das Neves [ALAGOANO, Altino]. **O violino do Diabo, ou o valor da honestidade**. Guarabira Paraíba: Tipografia Fontes, MEC/Pronasec Rural-SEC/PB-UFPB Funape, 1981 [1985].
- QUEIROZ DE, Alves Doralice. **Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel**. Belo Horizonte: UFMG, Disponível em: <URL> <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-6WEK7J2006>. Acesso em: 12 de março de 2023.
- WOLF, Virginia. **Um teto todo seu**, Círculo do livro, 1991.

